

A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS CRIATIVOS ATRAVÉS DO PROCESSO ARTETERAPÊUTICO

Angela Philippini

RESUMO

Este artigo aborda o processo de criação em arteterapia, estabelecendo relações com aspectos históricos e culturais. Localiza a necessidade de construção de espaços criativos internos e na coletividade, como uma das tarefas do arteterapeuta.

ABSTRACT

This article approaches the creatives spaces in art therapy, making links with historical and cultural aspects. Adress the need of the construction of creatives spaces, inners and collectives, being this one task of art therapist.

“É tão bonito quando a gente pisa
firme nessas linhas que
estão nas palmas de nossas mãos.
É tão bonito quando a gente
vai a vida nos caminhos
onde bate mais forte o coração...”

(Gonzaguinha – Caminhos do coração)

O que significa levar *ARTE* para a vida de alguém? E o que é mesmo *ARTE*?

Mais que conceituar *ARTE* como arteterapia, quero localizar e refletir sobre a possibilidade de construir, expandir e multiplicar espaços de criação, a princípio internos, e depois materializados externamente, em múltiplas formas expressivas pela coletividade. Aí então, suponho, a **Arte** acontece...

Abordagens terapêuticas diversas preconizam em suas práticas: respiração adequada, consciência e relaxamento corporal, meditação, imaginação ativa, etc, para auxiliarem na saída de estados ordinários de consciência e facilitarem o mergulho em níveis psíquicos mais profundos.

Similarmente, tradições religiosas de matrizes diversas, sugerem que construam-se recantos domésticos, em que pela reunião dos símbolos adequados, facilitem-se condições de quietude e serenidade. Nestes locais, então, por práticas persistentes e ritmadas, será possível transcender estados ordinários de consciência, para estados mais elevados do *SER*, com amplos benefícios para o indivíduo praticante, e em desdobramento para o seu ambiente próximo.

Costa (1994) nos fala do artista como **“ativista do singular considerado a prática criadora específica, como uma espécie de ressonância/irradiação da “atitude criadora”, promotora de movimentos de singularização social”**.

Como arteterapeutas, de que instrumentos dispomos, neste contexto, para resgatar e ampliar possibilidades criativas do cliente?

Penso que o primeiro deles, absolutamente primordial, é um espaço psíquico reservado para a criação que advém de persistência, disciplina e da determinação de não permitir, temporariamente, que solicitações e atribuições externas interfiram no processo criativo.

Acredito que manter um ateliê organizado, possa funcionar da mesma forma como um território consagrado à criação, tal como um laboratório de experimentações dos antigos alquimistas, o que delimitará um universo particular para o resgate de práticas imemoriais de conexão com o “*si-mesmo*”. Algo assim como uma região dedicada às “*divindades da criatividade*” que muitas vezes teimam em manter-se adormecidas e distante. Este sono prolonga-se por razões diversas, que podem variar da perversa e manipuladora hegemonia da mídia, a distrair nossa atenção com sugestivas imagens prontas, à razões mais singulares, velhas conhecidas da cada um, tais como medo de arriscar, insegurança, o excessivo rigor quanto à performance, e o “*não-desejo*” de despertar criaturas que vivem abrigadas nos porões da nossa **psique**.

No trabalho arteterapêutico, muitas vezes ouço “*justificativas/álibis*” para o bloqueio criativo:

- Não dá porque sou interrompido (a) toda hora.
- Não tenho tempo
- Não consigo me organizar...
- Falta dinheiro
- Não posso, pois não tenho um espaço adequado em casa...

E por aí vamos, mas a justificativa mais freqüente é a falta de um espaço externo adequado.

E o que será este espaço “*ideal*”? Penso que, às vezes, mesmo num banco de metrô, no trajeto de uma viagem, será possível iniciar um processo de criação, só dependendo da disposição criativa...

Mas talvez possamos em nosso próprio proveito providenciar um pouco mais, uma pequena mesa, um banco, algumas tintas e pincéis, lápis de cor, carvões de desenho, papéis para esboços, gravuras para colagem, algum material para modelagem e vale também uma caixa de guardados diversos, cheias das mais improváveis coisas (um objeto que arteterapeutas já na estrada sabem como ninguém organizar...). Este pode ser o começo.

Mas claro está, que só cada um é que sabe de que material ou ambiente que realmente precisa para criar, e neste recanto, *território sagrado*, invocar as suas musas da criatividade, para que despertem e venham a colorir a sua vida de idéias originais e novas possibilidades de comunicação e expressão.

Então a idéia, em síntese, é que se deixe por um tempo o turbilhão de imagens alheias promovidas pela mídia, e se dedique um tempo na árdua, porém, fascinante e compensadora tarefa de pescar as próprias imagens nas profundezas psíquicas.

FRANGE (1986) ao descrever como mobiliza pessoas e instituições para o trabalho criativo fala da restauração de direitos de cidadania, **tais como observar, experimentar, imaginar, expressar....**

Certamente o “*bazar de imagens*” da nossa cultura contemporânea tem um lado estimulante, mas pode também gerar ciladas diversas, atordoando, dispersando e superficializando. Estas imagens (quem sabe?) poderão estar inscritas num macro processo de disseminação e construção cultural do nosso tempo, que pretende muitas vezes

privilegiar o olhar à determinadas regiões, procurando desviar sistematicamente o foco de atenção de outras direções, experimentações e, sobretudo, descobertas.

Costa (1986) fala de **“uma mídia monopolizadora, instrumento disseminador de uma determinada ética do capital, colonizadora dos universos de vivência, instrutora de um modelo dominante do tempo da vida e do destino, e destruidora da diversidade cultural, uma riqueza tão grande em nosso país quanto à biodiversidade prezada pelos ecologistas...** E se este arsenal de imagens é despejado todos os dias, e nos alcança pelos *“sete buracos de nossa cabeça”* (tal qual nos diz a poesia de Caetano) como ficam as imagens internas?

E como fica tudo isto em uma estrutura psíquica mais vulnerável? Será que toda pressão não pode acabar favorecendo sentimentos de menos valia e baixo auto-estima? Alguns poderão pensar que não há nada mais para ser inventado, ou que não vale a pena expor a própria produção, com tanta coisa interessante por aí.

Dentro deste contexto, qual a possibilidade para a saída do material simbólico sombrio, símbolos e imagens representativos de nossa função psíquica inferior, mensageiros de potencialidades em desuso, que timidamente procuram esgueirar-se, tentando atravessar as malhas da consciência, para alcançar a luz.

Os arteterapeutas em sua prática, bem sabem que imagens em processo de ascensão à consciência, surgem de forma difusa, distorcida e quase sempre incompreensíveis. E os eventos decorrentes deste movimento de vir à tona são recorrentes no processo arteterapêutico. Algumas das possibilidades:

- Um borrão ocorre de repente e interfere na pintura que estava quase pronta. (*Mas e agora, o que faço? Está tudo perdido!*)
- Uma linha vai tremendo e ficando desvitalizada teimando em *“não encaixar”*, comprometendo a configuração de toda a forma desenhada. (Acho que vou consertar, por cima, para ver se o traço fica mais forte!)
- E como não considerar aquela modelagem em argila que nenhuma tentativa consegue satisfazer? (Não saiu o que eu queria!)
- Do mesmo modo aquelas construções que em vez de verticalizarem-se com sólido equilíbrio, de acordo com o que desejam seus construtores, teimam em adernar para o lado tal qual a *“Torre de Pizza”*, e sem nenhuma garantia que sequer assim vão manter-se. E os exemplos seguem inumeráveis, mais fico por aqui...

Similarmente, observo alunos no curso de Formação em Arteterapia ao viverem o confronto mais intenso com o simbolismo contido em suas próprias imagens encenarem a trama da *“Resistência”*:

- Ah! Essas imagens eu separei assim *“porque não são nada,não!”* É o resto...
- Pois é, não sei o que eu faço com isso. É muito estranho!
- Estas imagens aqui não se encaixam em lugar nenhum!
- Não sei, mas acho que não deve ser minha. Vai ver foi misturada por engano em minha pasta...

E assim lá vamos nós, nossos próprios desconhecidos. Ignorando pistas e rastros dos outros personagens de nós mesmos, desprezando as indicações de trilhas para nossos

próprios territórios inexplorados. Perdendo nossos mapas do tesouro. Aos nossos naturais mecanismos de defesa, à nossa resistência em tornar contato com regiões mais profundas da psique, somam-se questões adversas decorrentes de nossa historicidade e cultura. Então, representa-se dinamicamente, no microcosmo do grupo de Formação em Arteterapia, ou na jornada solitária do cliente individual em processo arteterapêutico, a trama mais ampla da nossa cultura.

Reserva-se pouco ou nenhum tempo para a criação. Tem-se pouca paciência, determinação ou coragem para confrontar o feio, torto, troncho e estranho. Dedicam-se pouca energia ao cultivo das próprias imagens e utiliza-se pouco empenho na tarefa de transformá-las. “*Compra-se pronto*” e embarca-se em projetos de navegação alheia. Não é de se estranhar depois, a sensação de ter perdido o rumo ou não entender bem a rota.

A mídia faz a sua parte na trama, tecendo sedutoramente a indução de que adquirir e acumular “*trecos e tralhas*”, rapidamente assegurará o passaporte para a bem aventurança do paraíso. Caso não dê certo, a solução é tentar outra vez, trocando as ainda novas tralhas pelos já lançados e novíssimos trecos.

Assim, corremos o risco de caminhar no ritmo do coelho branco de Alice no País das Maravilhas, freneticamente atravessando a cena de lá pra cá, e de cá pra lá, com nossos grandes relógios, a gritar uns para os outros e para nós mesmos: “*É tarde, é tarde. É tarde até que arde...*”

Uma tarefa para nós arteterapeutas então, poderá se construir pacientemente, primeiro em nossa própria psique, este tempo de criação, que é um tempo fora do tempo ordinário cotidiano dos engarrafamentos e filas de banco, das caixas do supermercado, da poluição visual e sonora, e nos religar à memória ancestral, revitalizar nossa conexão com o “*Todo-Criativo*” através de múltiplos rituais expressivos e celebrações pela vida.

E lembrar Gambini (1985) que fala da necessidade de processos terapêuticos que zelem por manter bem fechado o vaso alquímico guardando a temperatura que aquece este *Temeno**, para que possa permanecer adequada e constante, pois só assim poderão ocorrer as transformações desejadas. Crer nestas possibilidades é deixar-se mover e guiar pela esperança de mudança e harmonia, contribuindo para que a arte na Arteterapia realize sua parte.

***Temeno:** Vaso Sagrado.

Referências Bibliográficas:

COSTA, M.S.R. – A animação Cultural na Escola – in Pesquisa e Musica – Vol. I – N° 2 – 1995 – Conservatório Brasileiro de Música – RJ

GAMBINI, R. – Não Nascer: Alguns Temas da Imagem Arquetípica do Aborto in Junguiana – Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – Vol. III – 1985 – SP

PHILIPPINI, A – Universo Junguiano em Arteterapia – in Revista Imagens da Transformação – Vol. II – 1995 – RJ

Publicado originalmente no Volume IV da Coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação” – Pomar - 1997

Ângela Philippini é arteterapeuta, artista plástica, Mestre em Criatividade pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), editora da coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação”, autora do livro de arteterapia “Cartografias da Coragem”, organizadora do livro “Arteterapia: Métodos, Projetos e Processos”, coordenadora da Pós-Graduação Lato Sensu em Arteterapia em convênio Pomar – ISEPE.

E-mail: pomar@alternex.com.br